

A TRILHA AMBIENTAL COMO FERRAMENTA PROMOTORA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Willianderson Marcolino de Lima¹; Nágila Naiara de Carvalho França¹; Narita Renata de Melo Seixas²; Caio Italon de Oliveira Torres³; Lúcia Maria de Almeida⁴.

Centro Universitário Facex (UNIFACEX) – wgtodefc@hotmail.com
Centro Universitário Facex (UNIFACEX) – naiara.carvalhofranca@gmail.com
Centro Universitário Facex (UNIFACEX) – narita.seixas19@gmail.com
Centro Universitário Facex (UNIFACEX) – caio.italon@gmail.com
Centro Universitário Facex (UNIFACEX) – lmalmeida05@gmail.com

Resumo: As problemáticas de cunho ambiental têm ganhado espaço nas discussões, especialmente nas últimas décadas. Muito se deve a exploração crescente dos recursos naturais pelo ser humano que, por sua vez, necessita compreender os impactos gerados por essas ações. Para tanto, as trilhas interpretativas surgem nos ambientes formais de ensino como ferramenta para promoção de uma educação ambiental que vise restabelecer o vínculo que o indivíduo possui com o meio natural, através do contato direto com elementos desse ambiente. Busca-se, portanto, que as experiências vivenciadas durante o percurso possam sensibilizar o aluno, levando-o a propor questionamentos no que diz respeito a importância de se ter um ambiente preservado, bem como seu possível papel nesse processo de conservação. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo sensibilizar os discentes acerca da conservação do meio ambiente que estão inseridos através de vivências práticas. A intervenção foi realizada na Escola Municipal Professora Maria Bernadete Barbosa, município de Ceará-Mirim/RN, especificamente nas turmas de 6º e 7º ano vespertino, onde foi desenvolvida a atividade da trilha interpretativa e, posteriormente, aplicados os questionários pós-teste. Observou-se que a execução da trilha proporcionou aos discentes experiências singulares acerca do meio natural, fazendo-os refletir seus posicionamentos, concepções e responsabilidades no que se refere ao meio ambiente em que vivem.

Palavras-chave: Trilha interpretativa, Educação ambiental, Interação Ambiental, Conscientização dos discentes.

INTRODUÇÃO

O aumento da degradação do meio ambiente tem incitado grande preocupação com o futuro da natureza e despertado atenção no que diz respeito às problemáticas ambientais. Para Almada e Bernardes (2013), é necessário que a Educação Ambiental (EA) esteja presente na vida do ser humano constantemente, possibilitando uma melhor qualidade de vida, e para isso, ressalta a importância de se utilizar a trilha ecológica como meio de aproximar o homem da natureza.

As trilhas ecológicas encontram-se em ambientes naturais, havendo a interação de fatores bióticos e abióticos. Dentre os fatores bióticos observa-se, plantas, animais e demais organismos; nos fatores abióticos destaca-se, incidência de luz, solo, umidade do ar, recursos hídricos e minerais. Esses ambientes ecológicos possuem a finalidade de estabelecer interações harmônicas entre os elementos supracitados e os seres humanos. Costa (2006) afirma que as trilhas ecológicas viabilizam o contato direto do homem com a natureza, e esta proximidade desperta um sentimento de sensibilização em relação ao meio ambiente, possibilitando experiências únicas e aquisição de valores relacionados à conservação do meio.

A sociedade contemporânea construiu ao longo dos anos diversas barreiras que acarretaram o distanciamento da comunidade com o seu ambiente natural. Tais barreiras podem estar atreladas a fatores culturais e econômicos, por exemplo (RAMOS, 1996). Associado a isso, outro fator que possui grande relevância é o crescimento urbano desenfreado, excluindo cada vez mais o homem de áreas naturais em seu entorno. Neste contexto as atividades de Educação Ambiental tornam-se ferramentas fundamentais para trabalhar temáticas que resgatem o vínculo do ser humano com o meio natural ao qual está inserido.

As práticas de EA contribuem de forma eficiente e significativa para o desenvolvimento de mudanças atitudinais relativas às questões ambientais, tanto em ambientes formais, como em locais informais. Podendo ser empregada em diferentes contextos e espaços para além daqueles ditos como naturais. Esse processo educativo pode provocar transformações comportamentais e despertar princípios éticos tornando os indivíduos sensíveis através de elementos da natureza, e conseqüentemente o interesse de vivenciar experiências com o meio natural (PROJETO DOCES MATAS, 2002).

De acordo com Oliveira et al. (1999), as trilhas interpretativas são alternativas para a promoção das atividades educativas em ambientes fora da sala de aula, possibilitando a vivência dos alunos com o cenário natural e seus recursos, sendo a própria paisagem utilizada como instrumento didático, neste sentido o participante poderia explorar e desenvolver sua concepção pessoal em respeito ao ambiente.

Mello (2006) ressalta ainda o uso das trilhas interpretativas como um artifício ecológico para unir teoria à prática, tendo como finalidade não somente a transmissão de conhecimento, mas também possibilitar ao estudante a análise e significado dos fenômenos naturais observados, bem como, as características do mesmo. As trilhas interpretativas exaltam a

importância do contato do homem com a natureza, inserindo o mesmo em um ambiente diferente de sua realidade cotidiana, fazendo-o vivenciar experiências exclusivas daquele meio, mostrando o quanto é relevante perceber e avaliar as ações antrópicas que estes provocam ao ambiente.

Esta interpretação ambiental (IA) é decorrente de uma experiência vivenciada através da participação de uma trilha interpretativa, onde indivíduo assimila conteúdos ministrados em sala de aula com o seu cotidiano, por intermédio de interações, observações, indagações e reflexões proporcionadas através de práticas de cunho ambiental. Segundo Santos, Flores e Zanin (2012) a IA tem como principal característica propiciar aos que participam deste aprendizado uma percepção mais realista e fidedigna do ambiente e seus fenômenos, que por consequência permite a aqueles que estão envolvidos uma transformação do ser, ético e moral, para a construção do indivíduo crítico-reflexivo.

Assim, reconhecendo a importância de se trabalhar a Educação Ambiental nos mais diversos espaços, através de mecanismos que resgatem a interação do indivíduo com o meio natural, este trabalho objetiva sensibilizar os discentes acerca das questões ambientais que permeiam o ambiente em que os mesmos se inserem, fazendo-os perceber a diferença entre este meio e o meio dito natural através de vivências práticas.

METODOLOGIA

Este trabalho foi aplicado na Escola Municipal Professora Maria Bernadete Barbosa, na cidade de Ceará-Mirim, no povoado de Massaranduba, trabalhando com turmas de 6º e 7º ano, totalizando 42 alunos.

Para o desenvolvimento, utilizamos pesquisas do tipo aplicada, na qual foi tido como base uma breve visão do que os alunos entendiam como sendo meio ambiente, e quantitativa, pois houve a aplicação de um questionário com objetivo de melhor análise da experiência dos mesmo.

No primeiro momento, ocorreu a realização da trilha em um pequeno espaço reservado dentro da escola, sendo esse espaço delimitado, reservado e fazendo uso de materiais e elementos que caracterizam a natureza. Os discentes tiveram seus olhos vendados com intuito

de que os mesmo pudessem estimular os demais sentidos de forma a se inserirem no ambiente.

A trilha foi organizada em trechos, onde predominava-se o substrato com areia, seguido de um coberto de serapilheira, um pequena quantidade de água, fazendo referência a um corpo hídrico, além de alguns animais empalhados, plantas, sons de aves e aromas característicos desse meio.

No segundo momento, após a experiência de contato com a trilha, fora aplicado um questionário com perguntas referentes ao que os discentes puderam sentir, quais características presentes na trilha podiam ser encontradas também no ambiente em que vivem, o que pensam a respeito das transformações que vivenciamos hoje, se eles se sentem responsáveis por elas, e se mudariam o meio ambiente atual em que se encontram.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o momento da trilha, constatou-se que grande parte dos alunos demonstraram estar receosos com relação à experiência, mesmo antes de iniciarem o percurso. Tal situação pôde ser refletida nas respostas da primeira pergunta do questionário, que buscava saber o que os discentes sentiram ao participar da trilha interpretativa. Uma significativa parcela utilizou expressões como “medo”, “nervosismo” e “ estava um pouco assustada” para se referirem a sensações que a trilha havia proporcionado.

Associa-se isso ao fato de que os alunos estiveram vendados durante todo o trajeto, situação essa que pode estar atrelada à sensação de vulnerabilidade que a falta do recurso da visão causa, tendo em vista que esses educandos estavam habituados a utilizar com maior frequência esse recurso sensorial para perceberem o meio ambiente que estão inseridos.

Além disso, uma outra possibilidade seria a de que esses estudantes estariam diante de uma nova experiência, quando podemos notar que os indivíduos na atualidade se encontram muitas vezes distantes do ambiente natural e nessas condições, percebem novas sensações além daquelas vividas no espaço urbano.

Todavia, ainda a respeito da mesma questão, a maioria dos discentes expressaram em suas respostas que a experiência foi, ao todo, satisfatória e “emocionante”, apesar da sensação

de medo anteriormente mencionada. Ocorreu, portanto, um predomínio de respostas positivas (76,2%), seguidas pelas negativas (9,5%) e indiferentes (7,1%). Com relação a esta última, houveram discentes que, segundos os mesmos, se sentiram “normais” ao vivenciarem a trilha interpretativa, devido “ser o mesmo que estar andando na rua”, como relatado pelo Aluno A.

Figura 01: Estudantes explorando os recursos presentes na trilha interpretativa.



Fonte: Os autores.

Cenário similar pôde ser reforçado com as respostas obtidas da segunda questão, que demonstraram que uma pequena maioria dos alunos (45,2%) reconhecem os itens presentes na trilha e associam estes com os aqueles contidos no meio ambiente em que vivem, ou seja, elementos como folhas (serapilheira), areia e corpos d’água, são recorrentes em seu cotidiano. Apesar disso, outra parcela expressiva dos alunos (40,5%) menciona que o meio ambiente em que vivem não apresenta as mesmas características percebidas no percurso, o que leva a crer que esses educandos reconhecem com maior facilidade ícones relacionados a vida urbana, provavelmente por estarem mais próximos da mesma.

Por fim, nota-se que os alunos encaram o processo de antropização que vem ocorrendo ao seu redor de forma negativa, considerando que a maioria (42,%) afirma que as mudanças que aconteceram na natureza para que vivêssemos da maneira que estamos hoje foram prejudiciais ao meio ambiente, como um todo. Nesse sentido, o Aluno B relata: “Prejudicou os animais quando construíram as casas, muitos animais ficaram sem casas”.

Isso, por sua vez, demonstra que os discentes não somente se sensibilizam com essas questões, como também têm ciência dos impactos causados pela ação humana no meio

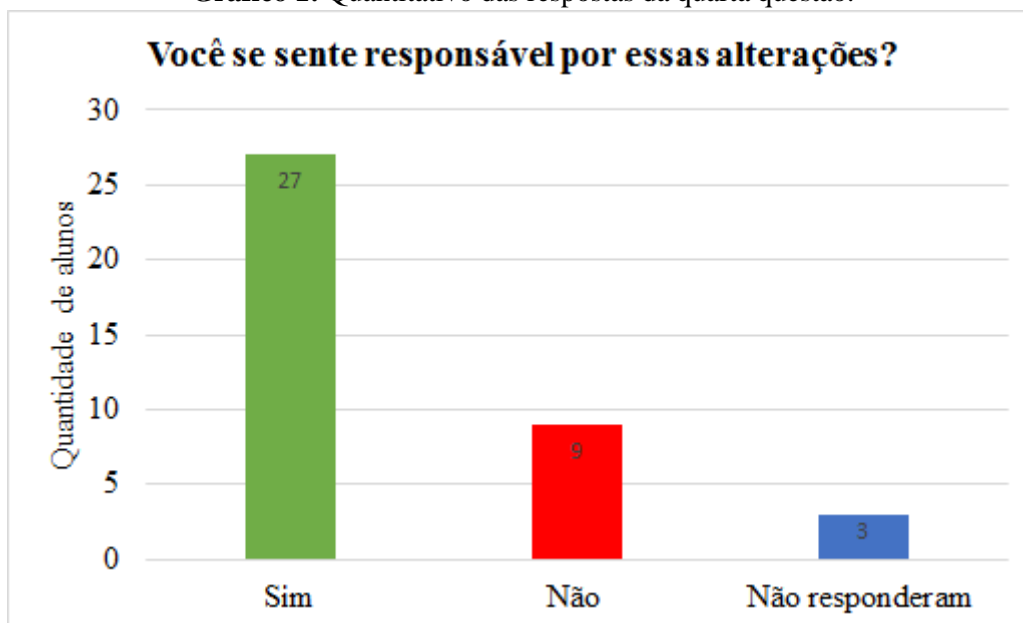
natural. Entretanto, houveram aqueles discentes que, mesmo citando visões similares com relação à problemática, também expuseram aspectos positivas da intervenção humana, como a construção de lares e vias pavimentadas, por exemplo, demonstrando uma perspectiva que evidencia a contribuição do homem na alteração da paisagem natural, estando o mesmo a parte das consequências geradas pelos seus atos, sendo as mesmas sentidas apenas pelos outros organismos.

Em relação à quarta pergunta do questionário, a qual interrogava os discentes sobre sua responsabilidade pelas presentes alterações no meio ambiente, foi possível observar que uma grande parcela de alunos afirmam serem responsáveis, como mostra o gráfico 1. Segundo Marczwski (2006), essa afirmação pode ser explicada a partir da construção do espaço perceptivo que muitos desses discentes confeccionam de acordo com o ambiente em que vivem, nesse caso, a maioria mostrou-se viver em um ambiente distante da natureza, como o centro urbano.

Para Maciel (2012), o convívio com ambientes urbanos, no qual, pode-se acompanhar com maior facilidade os avanços tecnológicos e o grande aumento de resíduos gerados com esse tipo de desenvolvimento, facilita o entendimento dos discentes acerca do crescimento das problemáticas ambientais, uma vez que os mesmo fazem uso e acompanham o desenfreado descarte inadequado desses materiais, que muitas vezes, são produzidos com matéria-prima extraída da natureza, trazendo como consequência, as alterações ambientais que podem ser observadas no meio em que vivem.

Em contrapartida, Marczwski (2006) defende a ideia de que os indivíduos que nascem e crescem em ambientes totalmente urbanizados, ou seja, ambientes que perderam seu vínculo com o meio natural, estão propícios a deixar de lado uma visão sensível e percepção correspondente aos estragos ambientais do meio que os cercam.

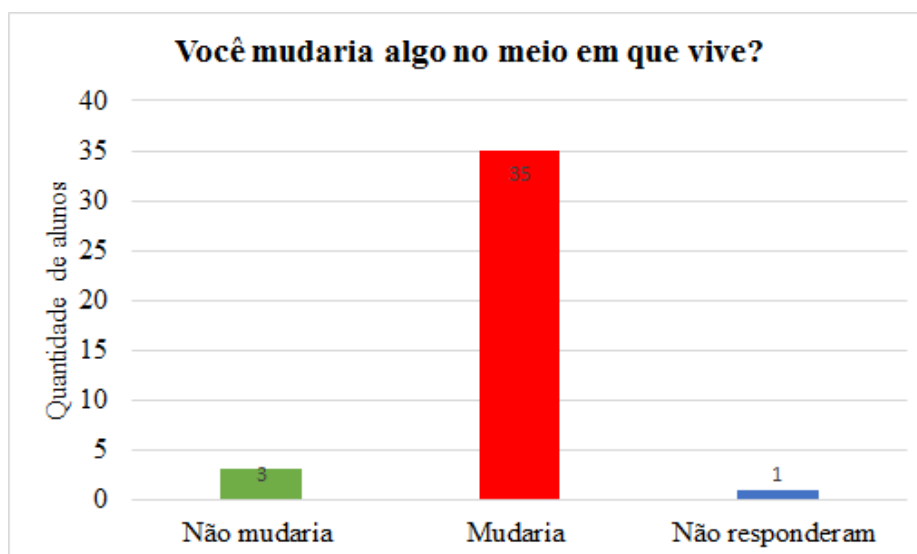
Gráfico 1: Quantitativo das respostas da quarta questão.



Fonte: Autores.

Fazendo análise das respostas referentes a quinta questão, pode-se observar que o sentir-se responsável pelas alterações do meio desperta quase que em todos os discentes, o desejo de mudar o que se encontra ao seu entorno, como observa-se no gráfico 2. Ainda assim, é possível observar que existe uma discordância nas respostas de alguns alunos que expressaram sentir responsabilidade diante das alterações do ambiente, e entre alguns disseram que mudariam algo no meio em que vive.

Gráfico 2: Quantitativo das respostas da quinta questão.



Fonte: Autores.

Andrade (2014) idealiza que os seres humanos não faziam ideia que os recursos naturais no decorrer do tempo iam começar a ficar escassos e que, após perceberem essa problemática, surge o desejo de mudar as ações do homem que, mesmo a longo prazo, trazem sérias consequências para a natureza no que diz respeito ao uso inadequado de seus recursos naturais.

Podemos atrelar essa ideia ao fato de que muitos alunos enfatizaram que sua mudança voltaria-se a ações contrárias a poluição, ou seja, a retirada dos lixos que são encontrados nas ruas, rios etc, e que muitas vezes são responsáveis pela morte de alguns animais. Alguns ainda falaram que colocariam mais plantas e lixeiras nas escolas e nas ruas para que as pessoas pudessem descartar o lixo de maneira adequada, além de realizar a limpeza dos esgotos.

Por outro lado, os alunos que não manifestaram interesse em realizar mudanças citaram que o meio ambiente se encontrava “bom” e que por isso não mudaria nada. Essa atitude negativa pode estar relacionada ao não conhecimento de práticas ambientais e não reconhecimento dos problemas que essa má educação possibilita para a vida de todos os seres.

CONCLUSÕES

Ao longo dos anos percebe-se que inúmeras são as possibilidades de se aplicar no âmbito escolar estratégias pedagógicas voltadas para se desenvolver a educação ambiental. As práticas de EA devem ser vistas pelos profissionais da educação como uma temática transversal, incorporando-as como um conjunto de atividades educacionais integradas e que necessitam ser trabalhadas em conjunto com as demais disciplinas do programa de educação.

A trilha interpretativa mostrou-se como uma excelente ferramenta de exercício para as práticas de educação ambiental, visto que, permitiu aos estudantes vivenciar experiências singulares, despertando sensações e sentimentos proveitosos, prazerosos, diferentes e únicos, além de permitir a reflexão dos mesmos acerca de suas atitudes e responsabilidades ambientais. Observamos através dos dados obtidos que a experiência de participar de uma trilha interpretativa pode influenciar de forma positiva a percepção de meio ambiente que o aluno tenha em mente, fomentando oportunidade para que o mesmo possa transformar ou reconstruir seus conceitos, passando a perceber e valorizar os elementos naturais presente em seu entorno, compreendendo e respeitando as outras formas de vida.

Por intermédio dos questionários aplicados foi possível reconhecer e entender um pouco mais sobre a concepção de meio ambiente que os alunos apresentavam, como também, quais seus sentimentos, insatisfações e desejos de mudança demonstrados em relação ao meio onde vivem. Sendo tais informações de extrema importância para que o professor possa desenvolver e organizar estratégias inovadoras de ensino que visem despertar em seus alunos a capacidade do trabalho em grupo para alcançar a mudança desejada oriunda de seus descontentamentos, bem como, a construção de valores em relação à conservação dos ambientes naturais.

Por fim, a atividade da trilha interpretativa possibilitou a interação dos discentes com alguns elementos encontrados na natureza, tendo como intenção de fazê-los repensarem o modo com que eles viam e sentiam o meio ambiente ao seu entorno. Desta forma a presente pesquisa enfatiza e reafirma a importância e a força que as práticas de educação ambiental possuem para a transformação e conscientização da sociedade com relação à proteção do meio ambiente e dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

ALMADA, E, D, B.; BERNARDES, M, A. Educação ambiental através do uso de trilha ecológica no Seminário Regina Minorum Anápolis/GO. In: Semana de Iniciação Científica. Revista de Magistro de Filosofia, p. 1–13, 2013.

ANDRADE, J, D'Â, N, L. Educação Ambiental Nas Séries Iniciais (2º ao 5º) na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Ribeiro. Trabalho de conclusão de curso, Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, p. 40. 2014.

COSTA, V.C. Proposta de manejo e planejamento ambiental de trilhas ecoturísticas: um estudo no Maciço da Pedra Branca - município do Rio de Janeiro/RJ. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

MACIEL, M, L. Educação ambiental e qualidade de vida: uma análise sobre a prática pedagógica de docentes do ensino fundamental na cidade de Belém/PA. Dissertação de Mestrado, Curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano, Universidade da Amazônia-Unama, Belém/PA, p.94, 2012.

MARCZWSKI, M. Avaliação da percepção ambiental em uma população de estudantes do ensino fundamental de uma escola municipal rural: um estudo de caso. Dissertação de

Mestrado, Curso de Programa de Pós-graduação em Ecologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 188, 2006.

MELLO, N. A. Práticas de Educação Ambiental em Trilhas Ecológicas. Publicação de divulgação do Curso de Ciências Biológicas. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2006.

OLIVEIRA, R, T.; BLOOMFIELD, V, K.; MAGALHÕES, L, M, S. Trilha auto guiada: proposta de implantação e interpretação na Floresta Nacional Mário Xavier Sandra Regina da Costa, Floresta e Ambiente, v.6, n.1, p.138-143, 1999.

PROJETO DOCES MATAS. Brincando e aprendendo com a mata: manual para excursões guiadas. Belo Horizonte. 2002.

RAMOS, Elisabeth Christmann. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EVOLUÇÃO HISTÓRICA, IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E SOCIAIS. UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA. 1996. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação na área de Concentração de Educação e Trabalho., Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

SANTOS, M. C.; FLORES, M. D.; ZANIN, E. M. Educação ambiental por meio de trilhas ecológicas interpretativas com alunos NEES. Monografias Ambientais, v.5, n.5, p.982-991, 2012.